

Ciro cumprirá contratos

André Barrocal e Camila Matias*
de Brasília

O candidato **Ciro Gomes (PPS)**, disse ter afirmado ao presidente **Fernando Henrique Cardoso** que, caso vença a eleição, seu governo estará comprometido com o pagamento da dívida, a manutenção da estabilidade monetária e a obediência à responsabilidade fiscal.

Sobre a austeridade fiscal, o candidato fez questão de deixar claro, no entanto, que só concorda com superávit primário no patamar atual de 3,75% do PIB, fixado na Lei de Diretrizes Orçamentárias e no acordo com o FMI. "Vou cumprir a austeridade fiscal no estrito limite de 3,75%", afirmou **Ciro**. O candidato classificou a crise de "grave" e a situação do País, "delicada". "Nessas circunstâncias, compreendo como inevitável esses entendimentos (com o FMI), não sem lamentar".

O ex-ministro da Fazenda afirmou acreditar — e disse isso a **FHC** — que a crise brasileira é consequência do modelo econômico adotado nos últimos oito anos e da "incompreensão do mercado".

O candidato disse a **FHC** que quer ver primeiro documentos oficiais do acordo antes de se pronunciar oficialmente. **Ciro** disse ter pedido ao presidente que autorizasse o ministro da Fazenda, **Pedro Malan**, e o presidente do Banco Central (**BC**), **Armínio Fraga**, a mostrar-lhes os documentos ofi-

ciais sobre o acordo com o FMI.

Esta é a íntegra da declaração do candidato, feita logo após o encontro com o presidente:

"Estive com o presidente **Fernando Henrique Cardoso** e obtive dele o relato sobre a dureza e a extensão da crise financeira que o País está vivendo. Obtive mais informações do ministro da Fazenda, **Pedro Malan**, e do presidente do Banco Central, **Armínio Fraga**, sobre os principais pontos do acordo que se está processando entre governo brasileiro e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Eu gostaria de, sobre esta conversa, declarar o seguinte: compreendo que a crise é grave

e a situação do País, delicada. Na minha compreensão, parte desta crise é responsabilidade de um modelo econômico contra o qual me bato há sete anos, parte é resultado de incompreensões de setores do mercado internacional sobre as especificidades e potencialidades da economia brasileira.

Nesta circunstância, compreendo como inevitável a evolução destes entendimentos. Não sem lamentar, afirmei ao presidente, aquilo que já tem sido a minha prática de vida, de ex-ministro, ex-governador e ex-prefeito de uma capital: o compromisso de um possível governo meu praticará de austeridade fiscal no limite do que a Lei de Diretrizes Orçamentárias já determinou para o ano que vem, de 3,75% do PIB do ano que vem, de estrito cumprimento e respeito aos contratos, e compromisso definitivo com a estabilidade da moeda.

Sobre o acordo em si mesmo, eu pedi ao presidente que autorizasse o ministro da Fazenda e o presidente do Banco Central, **Pedro Malan** e **Armínio Fraga**, a me repassarem os documentos oficiais. O presidente autorizou. Esses documentos ainda estão em fase de conclusão. Tão logo concluídos, eu me comprometi a estudá-los com urgência e em detalhes para então emitir uma nota por escrito sobre a minha posição definitiva em relação ao acordo. Era o que tinha para falar. Obrigado a todos vocês."

* (da *Gazeta Mercantil em Tempo Real*)

"Parte da crise é responsabilidade de um modelo econômico contra o qual me bato há 7 anos"